



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

CONDIÇÕES DE TRABALHO E VUNERABILIDADE À SAÚDE NA
PERCEPÇÃO DE TRABALHADORES FEIRANTES

Weslly Bernardes de Oliveira¹; Rita da Cruz Amorim²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: wboenfuefs@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ritacamor@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Vulnerabilidade; Trabalhadores informais

INTRODUÇÃO

Advindas do período medieval, as feiras livres se tornaram locais de encontro, de troca, diversão e negócios. Se constituem em espaços de venda e negociação de produtos, se tornando socialmente importante, pois movimentam e dão cor às grandes e pequenas cidades. Apesar da importância econômica e social das feiras livres, estas, ao longo do tempo vem passando por modificações estruturais e organizacionais que as tem tornado locais que pouco ou não oferecem condições de trabalho adequadas aos feirantes, desta forma os trabalhadores ficam susceptíveis as mais diversas formas de adoecimento, violência e exclusão social. Particularmente, quando se trata do trabalho informal, como é o caso da atividade do feirante, na qual o trabalhador está exposto “as variações climáticas, longa jornada de trabalho, ausência de dispositivos e mecanismos básicos de proteção, entre outros fatores de risco para a saúde”. (ALMEIDA; PENA, p. 113). Estudo realizado com feirantes de Feira de Santana – BA por Carvalho e outros (2017) evidenciou que estes trabalhadores informais vivenciam condições de trabalho que os tornam vulneráveis ao aparecimento de doenças e complicações. Assunção, Machado e Araújo (2012, p. 148) refletem que a inserção vulnerável no campo do trabalho informal compreende as situações de fraca ou nenhuma proteção social, “baixo nível de renda, baixa escolaridade, emprego temporário ou ausência de vínculo, jornadas extensas, exposição às elevadas cargas físicas e psicossociais das tarefas”. No que tange o campo do trabalho informal, “a vulnerabilidade passa a ser vivida não somente em função dos diferentes riscos aos quais os trabalhadores informais estão expostos, mas, também em graus diferentes pelo espaço”. (ITIKAWA, 2006, p. 137). Este estudo se justifica tendo em vista que a compreensão da percepção das condições de trabalho e da vulnerabilidade por trabalhadores feirantes permite vislumbrar novos horizontes dentro do campo de estudo, ao passo em que dá voz aos sujeitos sociais envolvidos nesta atividade ocupacional, valorizando a escuta, a compreensão e as formas como os feirantes percebem a vulnerabilidade, na perspectiva em que esta percepção está aliada aos costumes, crenças e valores destes trabalhadores, que vivem à margem de uma sociedade

capitalista e excludente, onde o trabalho informal é visto como menor e menos significativo perante aos processos de produção. Objetiva-se compreender a percepção das condições de trabalho e da vulnerabilidade à saúde por trabalhadores feirantes da feira livre da Cidade Nova em Feira de Santana – Bahia, bem como descrever a percepção das condições de trabalho e da vulnerabilidade à saúde de trabalhadores feirantes que atuam na feira livre da Cidade Nova em Feira de Santana – Bahia.

METODOLOGIA

Estudo de abordagem qualitativa, do tipo exploratório. Justifica-se tal abordagem por sua relevância no estudo das relações sociais, devido à pluralização das esferas de vida a partir da “noção da construção social das realidades em estudo, por estar interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano em relação ao estudo”. (FLICK, 2009, p.22). Participaram deste estudo sete trabalhadores feirantes, cinco do sexo feminino e dois do sexo masculino, que atuam na feira livre da Cidade Nova há mais de um ano. Inicialmente foram contatados quinze feirantes, oito aceitaram participar da pesquisa, porém apenas sete se encaixaram nos critérios de inclusão. A coleta de dados aconteceu durante duas semanas, ao final do expediente dos feirantes, na sala da administração da feira livre buscando garantir conforto e privacidade aos participantes, bem como obedecendo as regras da resolução 466/2012 e 510/2016. Para aproximação com o campo de estudo, realizamos uma ação de promoção à saúde, onde foram ofertados serviços de saúde, tais como rastreamento de doenças como hipertensão arterial e diabetes mellitus, apresentação de resultados de trabalhos científicos, limpeza facial, massagem, educação em saúde, distribuição de preservativos e materiais educativos, dentre outras atividades, visando a aproximação com o campo de estudo. Lançamos mão da entrevista semiestruturada para obtenção dos dados, anteriormente a aplicação das entrevistas foi lido e oferecido o termo de consentimento livre e esclarecido, procedendo com a assinatura do termo pelas partes interessadas. A análise de conteúdo foi realizada de acordo com Bardin (2011). Foi seguido as etapas de (a) pré-análise, (b) exploração do material e (c) tratamento dos dados, inferência e interpretação. Assim, procede-se à escolha dos documentos, à formulação de hipótese e a preparação do material para análise. Os dados foram transcritos literalmente, organizados e lidos individualmente, grifando aspectos importantes que colaborassem com o desenrolar das discussões, posteriormente elaboramos um quadro esquematizando informações pertinentes sobre as condições de trabalho dos entrevistados, em seguida foram construídas as categorias duas categorias, a saber: “Ser feirante: percepção sobre condições de trabalho” e “trabalhar na feira: [...] não é muito valorizado, lhe deixa vulnerável”. Procuramos estabelecer relações entre os dados obtidos e o referencial teórico adotado nesse estudo, com vistas a atingir os objetivos propostos. A primeira categoria diz respeito a percepção pelo trabalhador feirante sobre o seu trabalho e as condições para a realização deste, a segunda categoria abrange a percepção do trabalhador feirante enquanto sua vulnerabilidade a saúde, discorre sobre aspectos culturais, sociais e econômicos, levando em consideração a literatura pertinente para sua análise. Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana e aprovado sob parecer n.º .445.995.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Participaram do estudo sete feirantes, sendo cinco mulheres, três casadas e duas solteiras, e dois homens ambos solteiros, a faixa etária dos participantes variou de vinte a sessenta e três anos, quatro se autodeclararam pretos e três pardos. Em relação a escolaridade, variou do ensino fundamental ao ensino médio completo, sendo um participante não alfabetizado. Referente a renda mensal, os participantes não quiseram informar seus rendimentos.

Quanto a religião quatro mulheres informaram ser católicas, uma protestante e dois homens disseram não ter religião, todos os participantes declararam trabalhar apenas na feira livre da Cidade Nova. Considerando a análise das informações técnicas sobre o trabalho dos feirantes, escolaridade, carga horária dentre outros, chama a atenção o fato de que neste estudo a baixa escolaridade está ligada a oportunidade de emprego no mercado formal, e por conseguinte uma melhor qualidade de vida partindo do pressuposto de que condições de trabalho, proteção social e garantias trabalhistas conferem ao trabalhador uma melhor condição de vida e portanto acesso a saúde, educação e moradia. Padilha (2009, p. 550) reflete que alguns poucos trabalhadores conseguem fazer de “sua atividade laboral uma fonte de prazer, estabilidade e dinheiro. Mas a maioria encontra-se obrigada, com mais ou menos intensidade, a conviver com as várias facetas da precariedade no trabalho.” As falas dos entrevistados são permeadas de sensações e experiências de vida e trabalho que são capazes de guiá-los na construção e na percepção sobre ser trabalhador feirante e o que isso representa para cada um deles, levando em consideração a complexa dinâmica, financeira e estrutural do setor informal de trabalho, enfatizando a necessidade de trabalhar como forma de garantir a sobrevivência. Chama atenção no delineamento das discussões, que ao passo em que ele entende o trabalho como condição fundamental para a sobrevivência ele delinea as condições nas quais o seu labor é desenvolvido, este grupo ocupacional para além da desproteção social, enfrenta extensa carga horária de trabalho, dispêndio de força física, exposição a ruídos e a alterações bruscas de temperatura. Carvalho e outros (2016, p. 60) discutem que “os trabalhadores feirantes desenvolvem suas atividades em condições de trabalho que os tornam vulneráveis a impactos sociais, econômicos, psicológicos e físicos inerentes à atividade informal que desempenham”. Nesse sentido, no contexto da feira livre, emergem situações decorrentes da organização do espaço estrutural da feira livre, que podem levar a perda de mercadorias, catástrofes, sejam elas, naturais ou causadas, à contaminação por alimentos ou pela circulação de doenças e seus agentes transmissores decorrentes à falta de saneamento básico, por exemplo. Observamos que apesar de os trabalhadores feirantes não terem domínio e/ou conhecimento sobre o termo vulnerabilidade, nem suas implicações no âmbito trabalhista e social, estes se apercebem como sujeitos em condição de vulnerabilidade a saúde, tendo em vista que a maioria dos relatos sinalizam para as questões que envolvem as necessidades de saúde dos trabalhadores feirantes, sejam estas advindas do ambiente trabalhista e social e as dificuldades que enfrentam ao tentar ter suas demandas atendidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a concretude deste estudo, possibilita-nos compreender a interpretação que o trabalhador feirante tem de si e do seu ambiente laboral mediante sua condição de trabalhador informal, ocupante de um espaço de trabalho que representa para a sociedade para além da função econômica, mas que congrega diferentes saberes, hábitos, formas de ver e lidar com as nuances cotidianas, as quais emergem de um contexto histórico e cultural cercado por intempéries e que ao mesmo tempo apresenta-se como importante papel social, que caracteriza e dá sentido a vida, por possibilitar o sustento de si e das suas famílias, portanto estes homens e mulheres percebem o seu trabalho como um processo árduo e que lhe exige carga física e emocional elevada, mas que também mostra-se como um bálsamo que lhe proporciona no dia a dia alívio da escórias de uma sociedade supressória. Apesar dos resultados deste estudo depreendemos que os trabalhadores feirantes encontram-se em situação de vulnerabilidade à saúde, apontamos para a necessidade de criação de estratégias e ações no sentido de garantir o acesso aos serviços de saúde, visibilidade social, a criação de grupos de estudos e trabalhos que possam desenvolver ações de saúde no espaço da feira livre, bem como para cobrar dos governantes alternativas cabíveis para o atendimento as demandas de saúde destes

trabalhadores, como horários alternativos de funcionamento das unidades de saúde, equipes de saúde itinerantes e até mesmo programas de saúde municipais que sejam responsáveis pelo acompanhamento destes trabalhadores, o que facilitaria e incentivaria o cuidado de si e do coletivo. Desse modo, a realização deste estudo aponta para a necessidade de desenvolvimento de investigações nesta área, carente de atenção da sociedade, chama a atenção também para que as instituições de educação superior e técnica possam trabalhar na perspectiva da extensão universitária como forma de cada vez mais envidar esforços para a transformação da sociedade, aqui em especial para a saúde daqueles que dedicam suas vidas e seu trabalho para nos ofertar alimentos, cultura e manutenção dos costumes, bem como movimentam a economia de pequenas e grandes cidades.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. D.; PENA, P. G. L. Feira livre e risco de contaminação alimentar: estudo de abordagem etnográfica em Santo Amaro, Bahia. **RevBaiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 35, n. 1, p. 110-127, jan./mar. 2011.
- ASSUNÇÃO, A. D; MACHADO, A. F; ARAÚJO, T. M. Vulnerabilidades ocupacionais e percepção de saúde em trabalhadores do SUS. **R. bras. Est. Pop**: Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, 2012.
- ITIKAWA, L. Vulnerabilidades do trabalho informal de rua violência, corrupção e clientelismo. **Rev São Paulo Perspec**. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 136-147, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo. 70 ed. 2011.
- CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **RevBrasEnferm**, Brasília: DF, n. 57, v. 5, p. 611-614. 2004.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CARVALHO, J. J. et al. Percepção de feirantes sobre sua qualidade de vida e o seu estado de saúde segundo gênero em Feira de Santana - BA. In: ARAÚJO, T. M.; ARAÚJO, E. M. (Orgs.). **Análise de problemas sociais e de saúde**: contribuições no campo da saúde coletiva. Feira de Santana, BA: Editora UEFS, 2016. p. 193-220.
- PADILHA, V. Qualidade de vida no trabalho num cenário de precarização: a panaceia delirante. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 3, 2009.